

GENEALOGIA DA RESISTÊNCIA: ESTUDO SOBRE *ÁGUA DE BARRELA*

GENEALOGY OF RESISTANCE: STUDY ON *ÁGUA DE BARRELA*

Jucieli Bertoncello¹

Ana Paula Peixoto²

Gilmar Peixoto³

RESUMO

Este estudo analisa o romance *Água de barrela* (2018) de Eliana Alves Cruz, que traz as transformações sociais e econômicas no Brasil, perpassando pelo período da escravidão, abolição, guerras, revoluções e a marginalização da negritude. A força das mulheres e a resistência negra são evocadas nesse contexto. Partindo do pressuposto de que a obra retrata a história das seis gerações da família da autora, a valorização da ancestralidade histórica é trazida para o centro, destacando a barrela um alvejante feito à base de cinzas usado para branquear roupas, que simboliza a determinação e a luta diária pela sobrevivência. O objetivo é evidenciar a importância do reconhecimento da história e do respeito às raízes, além de destacar a bravura feminina que, apesar da crueldade de todo o processo escravocrata, continuou enfrentando a opressão na busca de melhores condições de vida para as próximas gerações. A análise baseia-se nos conceitos teóricos de Cida Bento (2022), Conceição Evaristo (1996, 2005 e 2022), Eliana Debus (2017) e Angela Davis (2016), entre outros. A escritora, que é jornalista de profissão, nos oferece uma visão crítica da época, que é um testemunho poderoso e inspira reflexões sobre as marcas deixadas pela escravidão.

Palavras-Chave: *Água de barrela*, Eliana Alves Cruz, Genealogia, Escravidão.

ABSTRACT

This study analyzes the novel *Água de barrela* (2018) by Eliana Alves Cruz, which brings the social and economic transformations in Brazil, going through the period of slavery, abolition, wars, revolutions and the marginalization of blackness. The strength of women and black resistance are evoked in this context. Based on the assumption that the work portrays the history of the six generations of the author's family, the appreciation of historical ancestry is brought to the center, highlighting the lye, a bleach

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd), Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - FAPERJ. Email: profjucieli@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7127231636700285>

² Mestranda em Letras, Linha de pesquisa "Estudos Literários", pelo Programa de Pós-graduação em Letras PPGLetras, UNEMAT, Campus de Sinop, bolsista da CAPES. Email: ana.paula.peixoto@unemat.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0243066642680904>

³ Graduado em Pedagogia pela UNEMAT, Campus de Juara. Email: gilmarpeixoto@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1859402533380553>

made from ashes used to bleach clothes, which symbolizes determination and the daily struggle for survival. The objective is to highlight the importance of recognizing history and respect for roots, in addition to highlighting the bravery of women who, despite the cruelty of the entire slavery process, continued to face oppression in the search for better living conditions for the next generations. The analysis is based on the theoretical concepts of Cida Bento (2022), Conceição Evaristo (1996, 2005 and 2022), Eliana Debus (2017) and Angela Davis (2016), among others. The writer, who is a journalist by profession, offers us a critical view of the time, which is a powerful testimony and inspires reflections on the marks left by slavery.

Keywords: *Água de barrela*, Eliana Alves Cruz, Genealogy, Slavery

1 Introdução

O romance *Água de barrela* (2018) de Eliana Alves Cruz, explora a formação genealógica da família da autora, trazendo a representação da escravidão e a luta feminina. São histórias que permitem mergulhar em dolorosas lembranças que podem ser as mesmas que milhares de outras famílias negras brasileiras.

Genealogia é o mapa das supostas ligações biológicas entre indivíduos e gerações, entendendo-se “geração” como a produção de descendentes ou o próprio conjunto de descendentes [...] Como ciência, é uma ciência auxiliar que trata da origem, evolução e dispersão das famílias, assim como os seus respectivos sobrenomes ou apelidos, sendo que, no passado, era feita exclusivamente pela elite e servia mais ao desejo de afirmar o prestígio das famílias e legitimar suas pretensões do que à documentação e preservação de sua história (Da Silva, 2019, p.197).

A saga dos ascendentes africanos inicia-se em 1849, com Ewà Oluwa e Akin Sangokunle (Xangocunlé), capturados na África aos nove anos de idade e trazidos para o Brasil com centenas de negros. Essa narrativa revela como era o tráfico transatlântico, a escravidão no Brasil, as revoltas, até chegar à abolição, as mudanças sociais e ao desamparo que a população negra foi submetida.

As mudanças sociais e econômicas foram acompanhadas ao longo do tempo pela árvore genealógica da família de Eliana, que é formada em sua maioria por mulheres. A barrela, um alvejante feito à base de cinzas, utilizado para branquear as roupas, torna-se um símbolo da luta diária pela sobrevivência e o sustento dessas mulheres, como Isabel, Anolina, Martha, Damiana e Dodó, que buscaram melhorar a vida das próximas gerações.

Desse modo, a obra traz para o centro a valorização da ancestralidade, resgatando a história familiar para que as memórias não sejam apagadas. O objetivo é evidenciar a importância do conhecimento e valorização das raízes históricas e destacar a bravura e força feminina diante das agruras da escravidão e da luta pela melhoria de vida através da educação.

A análise se baseia nas investigações de Cida Bento (2022), Conceição Evaristo (1996, 2005, 2020), Eliana Debus (2017), Angela Davis (2016), entre outros. A narrativa de Eliana apresenta a perspectiva de que, apesar das estruturas sociais opressivas, era necessário resistir e lutar por direitos básicos como saúde e educação, na busca incessante de que as próximas gerações não tivessem como único destino a barrela.

2 Desvendando a história da resistência

Água de barrela, é a obra de estreia de Eliana Alves Cruz, vencedora em 2015 do prêmio Oliveira Silveira da Fundação Palmares. Um romance memorialista, resultado de muitos diálogos familiares e pesquisa documental, que narra a saga de uma linhagem escravizada. Tia Nunu, apesar de ter esquizofrenia, um transtorno mental caracterizado por episódios contínuos ou recorrentes de psicose, é a principal fonte de conhecimento sobre a história da família da autora. As memórias ancestrais nos apresentam a dura realidade submetida a população negra durante o processo escravocrata e as marcas deixadas até os dias atuais.

Eliana faz uso da sensibilidade e afetividade para adentrar ao universo das memórias de tia Nunu. A memória como percepção, interpretação das vivências do sujeito, a partir da realidade enfrentada, o que permite compreender em detalhes momentos marcantes da época.

Desse modo, entender a ancestralidade exige que o presente debruce sobre o passado respeitando seus antecessores, a memória exerce papel importantíssimo nesse fazer, pois por meio dela o tempo passado é reconstruído e consegue-se reler o tempo presente, bem como vislumbrar o tempo vindouro. A ancestralidade torna-se múltipla, não podendo entendê-la como única e homogêneas (Debus, 2017, p. 99).

Ao evocar as memórias ancestrais, estamos resgatando lutas históricas e impedindo que sejam apagadas, com o ponto de vista dos que foram feridos. Somos

levados a enxergar as vivências através da narrativa, que é um resgate de histórias e um exercício que nos põe diante do passado, presente e futuro. Segundo Evaristo (2022) “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade”.

A narrativa inicia-se no aniversário da bisavó de Eliana, que completara 100 anos. "Era o dia 27 de setembro de 1988. Cem anos antes, nascia Damiana, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Quatro meses e quatorze dias após a promulgação da Lei Áurea" (Cruz, 2018, p. 28).

Em *Água de barrela*, temos a memória como ponto crucial para a construção da narrativa. Marcas registradas em passagem da escrita do romance revelam recortes do passado com Ewà Oluwa e Akin Sanokunlé, que foram capturados na África e trazidos para o Brasil em 1849, época de proibição do tráfico negreiro no Brasil. Mesmo com a proibição, os escravos foram trazidos de modo clandestino por novas rotas e com muito mais crueldade. Tudo deveria ser escondido, e o que os brancos conseguissem trazer de escravos já era de grande valia.

Foram atirados em um galpão apinhado de gente de todas as partes, em um local próximo à fortaleza. Para todos os efeitos, o tráfico estava proibido. Era uma Babel negra que não sabiam que existia cheirando a fezes, urina e a outros dejetos. O lugar tinha a pior comida provada por eles em suas vidas, mas podia ser considerado um aposento de luxo se comparado à embarcação que os faria singrar os mares por um tempo que não conseguiram medir em direção a um destino incerto e definitivo. Ao contrário do período legal do comércio de escravos, em que os traficantes tinham um cuidado ainda que mínimo com a “carga” para não perdê-la antes de chegar ao destino, agora valia qualquer coisa. O que viesse era lucro (Cruz, 2018, p.36).

Após serem arrancados de suas origens, os sobreviventes dessa jornada cruel ao chegarem no Brasil, recebiam novos nomes: Akin tornou-se Firmino e Ewà, que estava grávida de Anolina, tornou-se Helena. “O escravo era batizado logo que chegava ao seu local de trabalho – fazenda ou cidade – recebendo um nome 'cristão'. Devia esquecer a forma pela qual era chamado no seu lugar de origem” (Pinsk, 2010, p. 60).

Um homem vestido de preto a quem chamavam de “padre” foi passando a fila em revista e molhando cada um com a água que pegava dentro de uma pequena cabeça prateada, ele dizia palavras estranhas e, pelo que entenderam, estava lhes dando novos nomes.

Atrás do homem de negro, vinha outro que parecia um assistente [...] O rapazola cochichou algo no ouvido do padre. Este sorriu e decretou: “Firmino”. Só muitos anos mais tarde, também por um padre, saberia que o nome vem do latim e significa “firme, constante, vigoroso” (Cruz 2018, p. 39).

Essa prática da mudança de nome era uma forma de controle e opressão, forçados a abandonar suas identidades e culturas de origem. A mudança era uma forma de negar a humanidade e a dignidade dos escravizados, pois eram vistos como propriedades e não como seres humanos com direitos e identidades próprias.

O romance nos apresenta dona Joanna Maria da Natividade Tosta, considerada muito devota. “Sempre com seu bispo ao lado, visto que era religiosa ao extremo de pensar que foi verdadeiramente eleita para a santidade” (Cruz, 2018, p. 50). Assim, pode-se refletir o quanto a igreja católica era influente naquela época, conivente e beneficiária do processo escravocrata.

A religiosidade de dona Joanna escondia a crueldade que tratava seus escravos, proferindo diversos castigos em nome de Deus. Nas orações de todas as manhãs, ao ser confrontada com o mutismo da mestiça Felipa, bem como sua resistência em pronunciar a reza matinal, motivou a matriarca a cortar a língua da escrava por não repetir com ela a oração da ladainha.

Naquela fatídica manhã, estavam exaustos, pois era época das colheitas e tinham uma jornada de 14 horas ou mais na plantação, entre folhas cortantes feito facas, cobras, insetos e o chicote sempre pronto do feitor. A alimentação não era suficiente para o peso que carregavam diariamente, quase não sobrava tempo para cultivarem suas pequenas roças e assim reforçar as refeições. A mestiça chamada Felipa cansou. Todos repetiam a reza da manhã e ela, de pé como o restante, não abria os olhos nem os lábios para dizer palavra (Cruz, 2018, p.51).

Felipa agora estava silenciada, um silêncio imposto a milhares de negros por seus senhores. O período escravocrata foi marcado pela exploração e desumanização do negro. As mulheres recebiam os mesmos castigos físicos que os homens e ainda tinham seus corpos violados, sendo abusadas e usadas como objetos sexuais para seus senhores. Assim, teve início o processo de miscigenação.

Ela permanecia imóvel, como que congelada. Quando ele se sentiu satisfeito, dormiu com roncoss altos e ela ficou ali encolhida. Os

homens pareciam ter ido embora. Lentamente, ela se moveu para levantar-se. Sentia dores e queria fugir dali, mas foi puxada de volta para a cama com a tradicional violência e aquilo durou ainda até o dia clarear (Cruz, 2018, p.103).

A jovem Anolina foi estuprada, assim como outras milhares de mulheres negras, sem direito de defesa ou de ter o corpo respeitado. Ela engravidou, sem saber se o filho era do sinhô Francisco, que a abusou, ou de Alexandre, seu grande amor. Assim nasceu Martha. Segundo Davis (2016, p. 36), “era uma arma de dominação, uma arma de repressão cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir”.

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interditado o seu espaço individual e social pelo sistema escravocrata do passado e hoje ainda por políticas segregacionistas existentes em todos, ou senão, em quase todos os países em que a diáspora se acha presente, coube aos descendentes dos povos africanos, espalhados pelo mundo, inventar formas de resistências (Evaristo, 1996, p. 81).

Martha, filha de Anolina, já nasceu livre pela Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, que declarava a condição de livres os filhos de mulher escrava nascidos desde a data. “Para ela, a Martha teve a sorte de nascer depois da tal lei que deixava livres os bebês, os ingênuos” (Cruz, 2018, p. 130).

O romance nos traz outros exemplos de violência enfrentado pelas mulheres negras durante o processo escravocrata, a obrigação de ser amas de leite dos filhos dos senhores. “O leite da escrava era antes de qualquer coisa para alimentar os filhos da Sinhá. Sua cria não era uma prioridade. O filho da cativa tinha como função, quando muito, fazer com que o leite da mãe não secasse” (Cruz, 2018, p. 133).

Existe uma outra mentira histórica que afirma que o negro aceitou passivamente a escravidão, adaptou-se a ela docilmente porque, afinal, os senhores de escravos luso-brasileiros foram muito bons e cordiais. E, como prova disso, dizem que a mãe preta foi o modelo dessa aceitação. Mas a gente pergunta: ela tinha outra escolha? Claro que não, pois era escrava e justamente por isso foi obrigada a cuidar dos filhos de seus senhores (Gonzalez, 2020, p.184).

A luta pela sobrevivência era constante, além do trabalho extenuante, as doenças e epidemias como: febre amarela, varíola e cólera dizimaram milhares de negros,

somados ao descaso e ao triste cenário insalubre das aglomerações urbanas e suas valas negras a céu aberto.

As revoltas dos escravizados pela tão sonhada liberdade tinham em Firmino o retrato de toda bravura contra a escravidão. Inclusive, ele aceitou ir lutar na Guerra do Paraguai em troca da carta de alforria. Diante da crueldade enfrentada, era melhor ir para a guerra do que permanecer servindo aos senhores e seus chicotes, sempre prontos a colocar em prática os mais horrendos castigos.

Água de barreira apresenta as mudanças sociais e a realidade da época. Em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea é promulgada, a escravidão em todo o território brasileiro foi extinguida. Apesar da importância da lei, não houve amparo à negritude, jogada à própria sorte. Os brancos enriqueceram à custa da exploração e objetificação do negro, que, diante da não integração e suporte, foram marginalizados.

Quando anunciaram a lei, foi uma festança, uma zoadada, uma alegria... Mas ela sentia que o negócio não estava bom. Não era essa a liberdade que eles queriam. Sem trabalho, sem terra, com a polícia no pé, com medo do presente e do futuro (Cruz, 2018, p.131).

Os anos de trabalho forçado não foram reparados. A lei que prometeu liberdade não trouxe a dignidade social e econômica que a população negra deveria ter. “A liberdade deles não valia lá grande coisa, pois continuavam presos aos donos por amarras poderosas” (Cruz, 2018, p. 140).

A realidade é que essa liberdade foi limitada pelas amarras sociais que mantiveram os ex-escravizados e seus descendentes em posições de subalternidade. Sem acesso a moradia digna e condições de vida decentes, enfrentaram enormes desafios para ascender socialmente, independentemente de seu mérito e competência. As oportunidades não eram igualitárias, e a engrenagem social os submeteu a formas de trabalho precárias, com salários baixos e condições de sobrevivência difíceis.

Ao longo da narrativa acompanhando a realidade social e histórica, a família de Eliana aumenta com o nascimento de novas crianças, todas mulheres. “[...] pois se a vida era mais dura para os negros, piorava bastante se esse negro fosse mulher” (Cruz, 2018, p. 131).

O título do romance faz referência às mulheres que, ao longo dos anos, desempenharam a função de cuidar das roupas dos senhores e senhoras brancos. Essa

tarefa era desempenhada por mulheres escravizadas e, posteriormente, por empregadas domésticas. Essa abertura da narrativa permite explorar as complexidades da história das mulheres negras e suas lutas pela sobrevivência e dignidade em uma sociedade marcada pela desigualdade racial e de gênero.

Aqueles moços e moças que ali estavam certamente nunca tinham visto uma barrela – aquela água com cinzas de madeira que se colocava na rouparia para branqueá-la. Agora tudo é na máquina, batido com sabão em pó e ponto final. Antigamente lavar roupa era um longo processo artesanal. Primeiro se esfregava e batia-se bem; depois era colocar um pouco no molho da água de barrela, enxaguar mais e pôr no sol para quicar. Quando os panos secavam, entrava em ação o pesado ferro de engomar, que deslizava em cima do tecido com algumas gotas de água de cheiro. Vinco por vinco. Gola por gola. Pronto. Tudo perfumado. Tudo branco (Cruz, 2018, p. 27).

No período pós-abolição, a falta de medidas de restituição e apoio, perpetuou a desigualdade social e econômica. Como resultado, essas mulheres foram relegadas a trabalhos subalternos, sem oportunidades de ascensão social. A luta pela sobrevivência e a busca pela mudança de realidade após tantos momentos de dor, fizeram Martha mudar-se para a capital Salvador. “Martha vendia tudo o que podia e onde encontrasse espaço. Uma comerciante nata” (Cruz, 2018, p. 181). A luta de Martha era que suas filhas, tivessem uma vida diferente, livre do servir aos senhores e ter a miséria como destino. Era necessário lutar pela quebra do ciclo de exploração.

Martha não era escravizada desde o ventre de Anolina, mas sua vida não era muito diferente da que a mãe tinha vivido, e isto a incomodava demais. Adônis trabalhava duro na roça, na pescaria e no mercado. Não faltava nunca ao compromisso do dinheiro com os patrões. Ele era orgulhoso demais com isso (Cruz, 2018, p.161).

Na capital Salvador, iniciou uma jornada de luta para manter ela e suas filhas com o sonho de uma vida melhor, viu a necessidade de educá-las para que assim, pudessem ter condições melhores de vida. “Assim, ao lado dos tachos de doces que seriam vendidos, estava sempre a barrela esquentando no fogão para alvejar semanalmente lençóis, vestidos, lenços, anáguas e toalhas” (Cruz, 2018, p.176).

Martha ao buscar a ajuda do coronel Iaiá Bandeira, carregava a esperança de que ele utilizasse de sua influência aristocrática e religiosa para conseguir vagas para suas filhas Damiana e Maria da Glória (Dodó), no educandário de moças.

O coronel duvidava de que as meninas fossem capazes de prosperar no educandário, questionando sua capacidade intelectual. Não acreditava que tivesse cabeça para os estudos. Pensamentos cruzaram sua mente, refletindo sobre a perda de serviços leais, que lhes fornecesse mão de obra gratuita ou mal remunerada.

O Colégio Nossa Senhora da Salette era conduzido pelas irmãs de caridade, ao abrir vagas para jovens que nasceram sob a Lei do Ventre Livre ou filhas de ex-escravos pobres, Martha encontrou a oportunidade que esperava para mudar o destino de suas filhas. Damiana entrou para o colégio por conta da indicação do coronel Iaiá Bandeira que logo pediu uma compensação a Martha pela ajuda.

Maria da Glória ficaria na casa da família em Salvador, a princípio indo e voltando com a mãe quando fosse vender na capital, até que se adaptasse e pudesse passar a semana toda sozinha na casa. —Veja bem, Martha, o cativo acabou. Os tempos são outros. Ela será apenas uma ajudante e receberá por isso — disse Iaiá Bandeira. (Cruz, 2018, p. 195).

Maria da Glória (Dodó) foi a compensação pedida pelo coronel por ajudar na indicação para a escola, Dodó trabalharia para a família do coronel, na promessa de que teria seus direitos respeitados e sendo tratada com o falso discurso de que também faria parte da família, apesar de livre permaneceu no cativo até a morte por exaustão de tanto trabalho e exploração.

Enquanto Damiana planejava o futuro com a família que se formava, Dodó parecia fadada a um único destino. Estava mais presa que nunca. Por intermédio de muitas chantagens — algumas emocionais e outras não —, Maricota foi cada vez mais encerrando a moça nos serviços dela. Primeiro ameaçava indiretamente de prejudicar Damiana com as irmãs da escola, depois de tirar Adônis da terra onde cultivava a roça. Martha sabia que aquela terra era tudo para ele (Cruz, 2018, p.224).

Fora destinada a servir a mesma família que havia escravizado seus ascendentes, sob a condição de que sua irmã estudasse. A descrição de seu quartinho nos fundos da casa, onde mal cabia sua esteira, é um reflexo da desumanização e privação de liberdade que ela experimentou. Esse espaço pequeno e solitário simboliza seu lugar no mundo, marcado pela marginalização e pela exploração.

No colégio Damiana não tinha as mesmas condições que as outras alunas, tinha sempre que limpar o que as outras sujavam, porém, devido a sua dedicação ainda

conseguiu ter noções de francês e de piano, sabia ler razoavelmente bem e tinha uma bonita letra. “Na verdade, a mão escrava/ Passava a vida limpando/ O que o branco sujava [...] Eta branco sujo” (Bento, 2022, p.46).

Embora tenha tido a oportunidade de ingressar na escola para meninas e adquirir conhecimentos legitimados, Damiana enfrentou limitações significativas em sua capacidade de se apropriar desses saberes. Isso ocorreu porque ela era obrigada a dividir seu tempo entre os estudos e o trabalho, realizando serviços de limpeza para as famílias mais abastadas. Essa dupla jornada limitou sua capacidade de se dedicar plenamente aos estudos e explorar seu potencial.

As circunstâncias adversas a obrigaram a trabalhar como lavadeira e passadeira para sustentar sua família, limitando suas oportunidades de mobilidade social. As amarras sociais e econômicas que a prendiam impediram que sua educação se traduzisse em ascensão social. A complexidade da relação entre educação e mobilidade social, mostra como fatores externos podem influenciar o destino das pessoas e perpetuar desigualdades.

A narrativa destaca a interseção entre classe social e gênero, ao mostrar como as oportunidades de educação e desenvolvimento podem ser limitadas pelas circunstâncias socioeconômicas e pelas responsabilidades laborais.

Cruz nessa obra relata também momentos marcantes da história, como o bombardeio a Salvador, em 1912, nas lutas políticas entre as oligarquias provincianas nos primeiros anos da República Velha, bombardeio este que matou Firmino e Isabel; a batalha de Waterloo; o bando de lampião aterrorizando o país; e o movimento sufragista através da personagem Lili Tosta que no início não teve suas ideias levadas a sério até a tão sonhada conquista de direitos políticos pelas mulheres.

Feita a paz entre governo e paulistanos, veio a Constituição de 1934 e a grande vitória para Lili Tosta: o voto feminino. Ela estava louca de felicidade e rodopiava pela casa quando soube que estava sacramentado. — Agora vamos poder participar da vida do país, Damiana! Podemos seguir agora destemidas para o futuro! Sabe o que isso significa? (Cruz, 2018. p.268)

Damiana a primeira da família a estudar em escolas convencionais, acreditava que a educação era o caminho para a melhoria de vida, assim fez tudo o que podia para

mudar a realidade de seus descendentes. Celina sua filha tornou-se professora, um orgulho para a família.

Ela carregava o mais velho para todos os lugares onde achasse que ele poderia adquirir um saber diferente, que os fizesse se igualar ou superar em conhecimentos os brancos letrados. Depois de seu expediente na Câmara, era a hora de bibliotecas, teatros e salas de concerto (Cruz, 2018, p. 294).

Anolina (Nunu) a outra filha de Damiana e uma das fontes de pesquisa para a escrita deste livro tinha esquizofrenia. O problema mental de Nunu era um grande desafio para a família, o conhecimento sobre esquizofrenia era limitado na época, o que dificultava o diagnóstico e o tratamento adequado. Com os surtos frequentes, muitas vezes fora internada, sedada e colocada em máquinas de choque, apesar dos sofrimentos físicos sua memória continuou intacta, sempre que era convidada através do diálogo a falar sobre a história da família.

Fala com os pais, avós, parentes e conhecidos como se estivessem vivos e é capaz de descrever cenários com uma riqueza de detalhes impressionante para uma idosa de mais de 90 anos, que passou por eletrochoques e medicações pesadas a vida toda. Ela não anda sem ajuda e não enxerga, mas seus olhos parecem abertos para dentro dela mesma. Comecei a conversar como se também estivesse vivendo lá, como se estivesse convivendo com todos eles. Bingo! Ao longo de muito tempo conquistando sua confiança, abriu-se o baú de Nunu (Cruz, 2018, p.308).

Os filhos de Celina seguiram a receita de Damiana, a receita da educação. Eloá pai da autora Eliana formou-se em direito. Damiana muito orgulhosa com o neto fez questão de levá-lo até dona Maricota, que logo proferiu o seu discurso meritocrático por ele ter passado na conceituada Faculdade Nacional de Direito. “— A dificuldade não foi apenas para você, está claro? Todos os seus colegas também merecem felicitações” (Cruz, 2018, p.301). A meritocracia com a visão distorcida da realidade, onde o sucesso é atribuído apenas ao esforço individual, sem considerar os privilégios e obstáculos que cada pessoa enfrenta. “— Bem... no caso dos outros, dona Maricota...no caso de pessoas mais abastadas e poderosas eu não sei, mas no meu caso eu tinha que passar neste vestibular. Era isso ou isso. Não era uma opção” (Cruz, 2018, p.302). Não há igualdade se o ponto de partida não for o mesmo.

Assim, sem a devida reparação, o caminho tornou-se mais árduo para a quebra de ciclos do trabalho doméstico e da barrela, com acesso a políticas públicas e educação, os outros netos de Damiana também se formaram, Einar formou-se em Enfermagem, Edmar especializou-se em trabalhos sociais e Elmar em Biblioteconomia.

Nós, os que estamos prosseguindo o caminho deixado por eles, também enfrentamos o desafio de, ainda no século XXI, trabalhar para apagar as linhas divisórias que por tantos séculos nos deixaram à parte do banquete principal do país. Optamos pela “fórmula Damiana”, ou seja, a da educação (Cruz, 2018, p.304).

Damiana viveu até os 104 anos ainda conseguiu ver Eliana Alvez Cruz formada em jornalismo, com a certeza de que depois de tanta luta as próximas gerações não teriam como único destino a barrela, foram e continuam sendo resistência na busca pelo respeito e igualdade de direitos.

[...] Foram [...] essas mãos lavadeiras, [...] com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente, seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam nossa pobreza [...]. (Evaristo, 2005, online)

A narrativa *Água de barrela* tornou-se um testemunho poderoso que nos faz mergulhar em uma história de vida com mulheres fortes, seguindo a visão da realidade dos que foram escravizados e de sua vitória sob a opressão.

É urgente fazer falar o silêncio, refletir e debater essa herança marcada por expropriação, violência e brutalidade para não condenarmos a sociedade a repetir indefinidamente atos anti-humanitários similares. Trata-se da herança inscrita na subjetividade do coletivo, mas que não é reconhecida publicamente. O herdeiro branco se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente; em contrapartida, tem que servir ao seu grupo, protegê-lo e fortalecê-lo (Bento, 2022, p.15).

Água de Barrela e árvore genealógica são metáforas poderosas que se entrelaçam para contar uma história profunda. Água de barrela denuncia o desejo do branco de se refletir no espelho, simbolizando a busca por identidade e pureza. Já árvore genealógica" representa a luta das mulheres e homens negros por suas raízes, por terra, por vida e por conexão com sua herança cultural.

A árvore da vida é um símbolo de resistência e resiliência, destacando a importância da ancestralidade e da identidade negra. Essas metáforas se complementam para revelar a complexidade da experiência negra e a busca por dignidade e reconhecimento.

Cruz ao trazer a ancestralidade histórica de sua família, resgata lutas ao não permitir que essas memórias sejam apagadas, nos levando a refletir sobre as marcas deixadas pela escravidão.

3 Considerações finais

A obra *Água de Barrela* de Eliana Alves Cruz, mostra uma visão profunda sobre as consequências da escravidão. Compreender a segregação e exploração é fundamental para construir um futuro mais justo. A autora contribui para isso com uma escrita engajada e comprometida contra o racismo e a desigualdade. Sua linguagem acessível permite ao leitor refletir sobre formas de combater discriminações, tornando esta obra essencial na literatura brasileira contemporânea.

Não queremos mais aquilo que embranquece a negra maneira de ser. Não queremos mais o lento e constante apagamento da cor de terra molhada, suada, encantada... Queremos os remendos dos panos, nas tramas dos anos sofridos, amados.... E acima de tudo, apaixonadamente vividos (Cruz, 2018, p. 25).

Damiana, Dodó e outras mulheres negras protagonizam histórias de resistência e superação durante o colonialismo brasileiro. Suas narrativas, antes silenciadas, são recontadas sob uma nova perspectiva, desafiando o mito da democracia racial e ressignificando vivências marcadas pela opressão e resistência.

Água de Barrela é uma obra que denuncia a escravidão e busca reparação para os descendentes de escravizados, conscientizando sobre as injustiças históricas que permanecem presentes em nossa sociedade. É fundamental reconhecer e refletir sobre

essas injustiças, pois, embora a escravidão tenha acabado, suas marcas persistem em nossa realidade.

Referências

BENTO, Maria Aparecida da Silva. *Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das, 2022.

CRUZ, Eliana Alves. *Água de Barrela*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

DA SILVA, José Pereira. Os sobrenomes na onomástica e na genealogia. *Revista Philologus/Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. V 25, n. 75, (set./dez.2019) – Rio de Janeiro: CiFEFiL, p.2516 - 2537. Disponível em: Vista do 181. Os sobrenomes na antroponímia e na genealogia

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução Heci Regina Candiani. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBUS, Eliane. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação de Mestrado. PUC: Rio de Janeiro, 1996.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no *XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura*, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: Nossa Escrivência Acesso em 16/01/2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência carrega a escrita da coletividade. IEA: 2022 A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo — Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo Acesso em: 19/01/2025.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2020.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 21. ed., 2010.

Recebido em: 29/01/2025

Aceito em: 30/05/2025